

ALBERTO DE OLIVEIRA

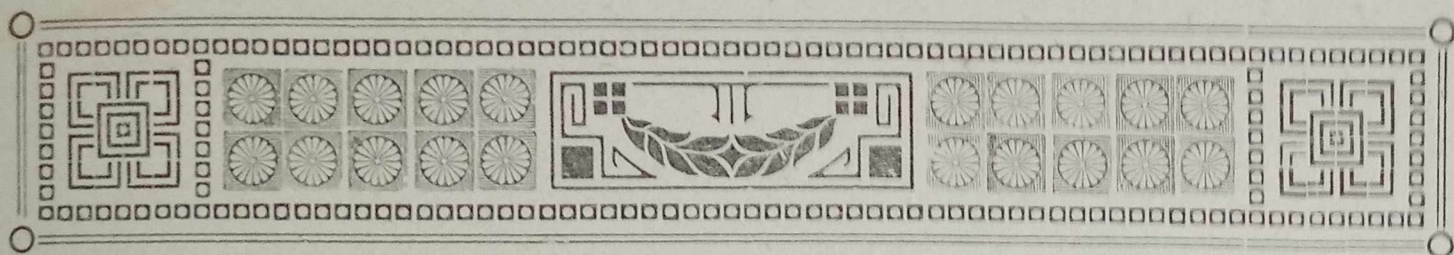
O Soneto Brasileiro

(de Gregório de Mattos a Raymundo Corrêa)

CONFERENCIA

FEITA NA BIBLIOTHECA NACIONAL EM
23 DE SETEMBRO DE 1918. *A A A*

RIO DE JANEIRO
= MCMXX. =



O SONETO BRASILEIRO

(DE GREGORIO DE MATTOS A RAYMUNDO CORRÊA)

Cabe de justiça á nossa Poesia de agora o reparo critico de cultivar quasi exclusivamente o soneto, com esquecimento ou desamor das mais fórmulas de composição. Na variedade dos generos ou meios de manifestar-se reside boa parte do prestigio da arte do verso. Onde todos cantam prolongadamente na mesma toada, não é de estranhar que a audição se enfastie e canse.

Dir-se-ia que por breve o soneto, todos o podem fazer, porque a todos para isso ha ensanchas no tempo. Apenas quatorze versos, — uma diversão ou brinco innocente, como o entretenimento das adivinhações ou charadas, sem prejuizo das occupações serias que requerem estudo e reflexão. Assim que, por mais atarefadas que lhes corram as horas, sempre ha-de haver a todos os soneteadores um meio momento, um fugaz instante de lazer para este recreiozinho espiritual.

Só ao verdadeiro poeta e artista, sonhador febril da perfeição no que imagina e exercita, todo tempo lhe vem escasso para lapidar com desvelo esta joia rara, e quando, tresuante ainda de compridas vigílias, a desenthesoura de si mesmo e a offerece aos olhos de outrem, engastando-a em jornaes ou em livro, ainda assim, raro está satisfeito com o seu trabalho.

E' que o soneto, — embora haja ahi quem os faça ás grosas e como num repente, — exige, sobre a de concepção, capacidade não vulgar de paciencia e labor. Que o diga a mão que escreveu os *Trophéus*, esse cuja existencia se consumiu quasi inteira em aprimorar a collecção delles, que todos admiram e onde de um se sabe com o qual em o affeição e polir viu Heredia transcorrer um decennio. Um dos melhores cultores do genero no seculo XVI, Diogo Bernardes, tão excellente que se confundiram alguns de seus trabalhos com outros

de Luis de Camões, confessava que já era idoso e ainda não lhe acertara bem com a mão:

« Eu, senhor, já podia ter bisnetos,
Depois que comecei a fazer versos,
E ainda bem não cáio nos sonetos.»

Sempre foi tido este genero como um dos mais difficultosos da Poesia, sendo por isso relativamente insignificante o numero dos sonetos sem macula, ou que, no dizer de Déspreaux, valem por si sós um grande poema. A perfeição dentro de espaço tão limitado é raramente attingida e houve até quem duvidasse o possa ser algum dia. Este foi Antoine Godeau, ou como o appellidaram por sua exigua estatura: «o anão da princesa Julia», illustre bispo de Vence e não menos illustre poeta. Achava elle que o reino do soneto não é deste mundo, o que levou Charles Asselineau a conceituar que quanto a sonetos o reverendo prelado era atheu.

Originariamente com o nome de *son d'amour* ou *sonet*, afflorara espontanea e facil esta composição aos labios de trovadores e *trouvères*, nas linguas d'*oc* e d'*oil*. Musas de Italia aperfeiçoaram-na, sujeitando-a á travacção regular de consoantes e disposição, que lhe conhecemos, levemente modificada mais tarde pelos poetas da Pleiade, vindo a difficultar-se-lhe assim de modo a feitura que o levá-lo a cabo, sem offensa ou transgressão das regras prescriptas, ficou sendo privilegio exclusivo dos espiritos verdadeiramente «alumiados de Apollo». Fôra «ce dieu bizarre» que segundo Boileau, decretara taes principios (*terríveis* lhes chama o Conde de Ericeira em sua horrivel tradução da *Arte poetica*), afim de apurar até onde podia ir o elasterio da paciencia humana dos rimadores.

Segundo Manoel da Fonseca Borralho, de nome extravagante, em seu livro não menos extravagante de titulo, *Luzes da Poesia descobertas no Oriente de Apollo*, consta o soneto de forma classica «de quatorze versos grandes (que este é só propriamente soneto) dispostos em dois quartetos e dois tercetos, de tal sorte que os dois quartetos levem a mesma consonancia, e os dois tercetos tambem a mesma consonancia, mas differentes dos quartetos, com tal regra que não leve mais que um só conceito (nem pode admittir mais) dirigido em forma de um *sylogismo*; convém a saber: no primeiro quarteto a *maior*, e no segundo a *menor*, e nos tercetos a *consequencia*, ou nos dois quartetos a *maior*, e no primeiro terceto a *menor*, e no segundo terceto a *consequencia*, que val o mesmo que propôr no primeiro quarteto, ou em ambos, e no segundo quarteto, ou primeiro terceto deduzir, e nos dois tercetos, ou no segundo concluir; por maneira que se hão de guardar para o fim os melhores consoantes, e hão de ir tão deduzidos os pés com a cabeça, que seja tudo a mesma cousa, e por tal ordem, e com tão relevante *espirito* (como disse um discreto) *que ha o soneto de abrir-se com chave de prata, e fechar-se com chave de ouro*», conceito que Faria e Sousa expressou por outras palavras, dizendo em commentario aos de Camões, que

o soneto é como a carreira de um bom cavalleiro, no qual se olha mais o parar, que o partir, e o correr.

Os consoantes travam-se na seguinte disposição, conforme traços do mesmo Borrvalho:

QUARTETOS

1º	_____	<i>a</i>
	_____	<i>b</i>
	_____	<i>b</i>
	_____	<i>a</i>
2º	_____	<i>a</i>
	_____	<i>b</i>
	_____	<i>b</i>
	_____	<i>a</i>

TERCETOS

1º	_____	<i>c</i>
	_____	<i>d</i>
	_____	<i>c</i>
2º	_____	<i>d</i>
	_____	<i>c</i>
	_____	<i>d</i>

ou

1º	_____	<i>c</i>
	_____	<i>d</i>
	_____	<i>e</i>
2º	_____	<i>c</i>
	_____	<i>d</i>
	_____	<i>e</i>

Era este o molde a que se devia cingir a inspiração dos poetas; em carcere tão estreito e com tão severa disciplina tinha de encerrar-se-lhes o coração com todas as suas paixões. E não obstante, novas dificuldades se engendam, novas formas se criam, algumas quasi imytaticaveis; inventam-se e põem-se por obra sonetos *dobrados*, *terceados*, *contínuos*, *encadeados*, *retrogrados*, *com repetição*, *com cola* ou *estrambote*, *bilíngues*, *trilíngues* ou *polyglotticos* (como um de Gorgora escripto em castelhano, latim, toscano e português) e

ainda *acrosticos e telesticos e em labyrintho*. Aqui está uma dessas complicadissimas criações, que ao lado de outras semelhantes, vem no *Vocabulario de Bluteau*, de onde fielmente a transcrevo com os dizeres que a precedem:

SONETO PROTEO, EM LABYRINTHO

RETROGRADO, TERCiado, CONTINUO, TIRADO DOS ENNEATICOS APPLAUSOS,
QUE COMPÔS FRANCISCO DE SOUSA ALMADA EM OBSEQUIO
AO DUQUE DE BANHOS, ALIÁS DE AVEIRO.

METRO VII. ASSUMPTO V.

O QUAL É DAR-SE A SENTENÇA EM UM SABBADO, QUE FOI
A 17 DE FEVEREIRO DE 1720.

Aurora, Estrella, Sol,
Esperança, Astro, bem,
Senhora, liberal,
Confiança singular,

Tutora Celestial,
Bonança, Candor, luz,
Valedora, Ceu, flor,
Alliança superior,

Defensora, lei, paz,
Segurança, Nau, Mar,
Pandora Virginal,

Affiança, prazer, Dom,
Exora feliz Mãe,
Alcança ao Duque tim,

Gloria Maria,
Nectar, sustento,
Segura guia,
Sacro portento;

Alta Alegria,
Suave alento,
Sagrada via,
Facil augmento;

Apta Harmonia,
Doce concerto,
Sacra valia,

Contentamento,
Glorioso dia,
Dá vencimento.

«Por qualquer verso dos quatorze por onde se queira começar a lér — adverte o vocabulista — fôrma soneto, e sentido perfeito (?) Está dividido em duas linhas, e também por cada uma dellas faz dois generos de sonetos miudos, um de seis syllabis na primeira linha, começando a ler-se das ultimas palavras retrogradamente; outro de cinco syllabas, lendo-se progressivamente na segunda. E lendo-se inteiro o soneto heroico, se pode começar a ler, quando for retrogrado, tanto da ultima palavra como da penultima. Contém este soneto oitenta e sete mil cento e setenta e oito milhões, duzentas e noventa e uma mil e duzentas combinações, e outros tantos sonetos, em que se transfigura, conforme a regra arithmetica combinatoria.»

Quanto esforço e paciência perdidos em compôr coisas assim emmaranhadas e inúteis, mero jogo de palavras, sem raio de inspiração ou de poesia! Era a decadencia do genero ou um novo genero de extravagancias que se criava aqui como em tudo o mais no dominio das letras.

Esta polymorphia sonetaria coincide com os altos quilates do estilo culto, mais ou menos na mesma época. Era o tempo, como bem o descreve Camillo Castello Branco, «dos equivoccos, dos trocadilhos, do marinismo, dos conceitll, hyberboles rabelaisearias, do estilo pompadour, consonancias de clausulas, homonymias, jogos de

vocabulos, hypothyposes, do gongorismo, enfim, que se havia com uma doçura insidiosa infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do padre Antonio Vieira e de Jacintho Freire.»

A musa de Gregorio de Mattos acordou nesse meio assim viciado, achou a lingua e a poetica contagiadas do morbo geral e empeçadas em taes affeitos ridiculos. Não consta houvesse contra o máu gosto de então apontado nenhum dos farpões de sua sátira, antes parece se comprazeu de algum modo com elle, a julgar de sua technica e estilo.

E' mestre de Gregorio, e mestre de quem traduz e paraphrasêa não poucos versos, o castelhano Francisco de Quevedo Villegas. Pouco soneteou, segundo o que até ao presente se conhece de seus escriptos na maior parte ineditos e entre os quaes, no dizer do licenciado Rabello, não devem ser poucos os «ramalhetes de viboras».

Abro a conferencia com o satirico bahiano por ser elle figura representativa e porque de M. Botelho de Oliveira e mais um ou outro contemporaneo nada existe digno de ser lembrado na materia que nos occupa.

Dos sonetos do *Boca de inferno* que correm impressos, transcrevemos o seguinte citado por José Maria da C. e Silva no *Ensaio biographico critico*:

A CERTA FREIRA

QUE LHE PERGUNTOU COMO HAVIA PASSADO

Aquelle não sei quê, que, Ignez, te assiste
No gentil corpo, na graciosa face,
Não sei de onde te nasce, ou não te nasce,
Não sei em que consiste, ou não consiste.

Não sei como de amor arder me viste,
Porque — phenix de amor — me eternizaste;
Não sei como brilhaste, ou não brilhaste,
Não sei como persiste, ou não persiste.

Não sei como me vou, ou como ando,
Não sei o que me dóe, ou por que parte,
Não sei se vou vivendo, ou acabando;

Como logo meu mal hei-de contar-te,
Se de quanto minh'alma está passando
Eu mesmo, que o padeço, nem sei parte!?

Longe está de ser trabalho perfeito, nem os tem Gregorio de Mattos em seu grosso poetar, mas é caracteristico da escola castelhana, que nelle influiu e até lhe fez no segundo quarteto responder com uma rima toante ás consoantes ou verdadeiras.

Da escola bahiana á mineira, o soneto, se não despe as roupagens classicas — e é cedo ainda para fazê-lo — adquire o que lhe faltava intensidade de sentimento e subjectividade lyrica. Claudio Manoel da Costa excelle cultivando-o e é o maior sonetista então, maior dos da sua pleiade e maior da lingua em todo o espaço.

aberto entre Camões e Bocage. Em Coimbra, onde cursou a Universidade, e em 1768 foram impressas as suas *Obras poeticas*, aprendeu todos os segredos de manejar a formosa e difficil composição. «Os mestres e modelos de Claudio — diz o meu mestre e amigo João Ribeiro, dando-lhe edição nova e rica de notas e documentos — são os dos arcades: Virgilio, Ovidio, Theocrito e Moscho, Quevedo, Metastazio e Petrarcha.» Os cem sonetos postos como primeira parte das *Obras* revelam-lhe gosto apurado com a lição destes autores, do ultimo sobretudo que nelle mais directamente influíu. Se algum reparo se lhes pode fazer — e tem sido feito — é quanto á monotonia de assumptos repisados ou pouca diversidade de themas, o accentuado cunho luso-arcadico, com as suas sequelas de nymphas, pastores, rebanhos, cajados, sanfonas, salguciros e faias. Isso, porém, não significa em Claudio ausencia de amor patrio. Era o influxo ou acção do meio onde se lhe educara o estro poetico e que elle saudoso relembra. «A desconsolação — explica-se — de não poder substabelecer aqui (em Villa Rica, quando isso escrevia) as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço; mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes, e a escrever a *Fabula do Ribeirão do Carmo*, rio o mais rico desta Capitania, que corre e dava o nome á cidade Mariana, minha patria, quando era villa.»

A linguagem de Claudio Manoel da Costa é pura, desinçada dos vicios ainda reinantes nessa época. O verso flue-lhe geralmente bem medido e espontaneo. Eis um dos melhores especimes de seu poetar:

Nize? Nize? onde estás? Aonde espera
Achar-te um'alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira:
Nize, cuido que diz, mas é mentira;
Nize, cuidei que ouvi, e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minh'alma em vós se esconde,
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.

Nem ao menos o éco me responde!
Ah! como é certa a minha desventura!
Nize? Nize? onde estás? aonde? aonde?

Em Gonzaga, os dois Alvarengas, Basilio da Gama e Caldas Barbosa não se modifica o modelo classico do soneto nem em nenhum sobreleva este em belleza quanto os do autor da *Fabula do Ribeirão do Carmo*; são, entretanto, felizes pelo lado da fôrma e conceito *Estrella e Nize* e *Alléa* do fluminense Alvarenga Peixoto. A qualquer delles preferimos, porém, o seguinte de José Basilio da

Gama, que do remonte epico onde concebeu o *Uruguay*, não se dedigna de ás vezes baixar a colher, segundo uma expressão do tempo: «Mimosas flores nos jardins da Arcadia».

Já, Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas commigo de cautelas,
Que inda te espero vêr, por causa dellas,
Arrependida de ter sido ingrata,

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrellas;
Verás murchar no rosto as faces bellas,
E as tranças de ouro converter-se em prata,

Pois se sabes que a tua formosura
Por força ha-de soffrer da idade os damnos,
Porque me negas hoje tal ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, emquanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos annos,

Destas «mimosas flores» — cumpre rectificar — entremearam ás do cantor de Lindoya uma colhida no jardim gongorico de André Rodrigues de Mattos, a qual com o nome deste autor vem inclusa na *Fenis renascida*, volume V, anno de 1728. Basta esta data para evidenciar que Basilio da Gama, nascido em 1741, não podia ter escripto os versos:

Alegre pintasilgo, flor vivente,
Não cantes, lisongêa um dessgraçado;
Suave fontezinha, alma do prado,
Não corras, acompanha um descontente.

Vejo que entre essas ramas livremente
Festivo zombas de meu triste fado;
Julgo que entre essas penhas, sem cuidado,
Murmuras rindo do que peno ausente.

Mas já que corres livre, sem demoras
Bate essas asas, accelera o passo,
Vae ligeira saber de um bem que adoro;

E se queres chegar em breves horas,
Vôa com estas penas, que aqui passo,
Corre com estas aguas, que aqui choro,

Seria enfadonho, sobre nada adiantar ao nosso estudo, citar ou recitar, na phase de transição da escola mineira á romantica, um ou mais centos de sonetos que aqui e ali apparecem, alguns sentimentaes ou elegiacos, outros patrioticos, quaes genethliacos ou epithalamicos, quaes laudatorios, quasi todos insignificativos ou de momentanea voga em seu tempo. Na maioria delles, quando não se repetem os themas, reeditam-se os tropos e frases, tornados logares communs. Nada de tudo isso interessa á historia da evolução do soneto, e é justo deixe de mão, como se pode dispensar á belleza da espiga, resaltada brilhante ao sol, o folhelho que se lhe apegá resequido e inutil. Assim, não me deterei citando-vos Natividade Saldanha,

Eloy Ottoni, Pereira Caldas, o velho José Bonifacio, Frei Bastos, Januario Barbosa e outros. Nenhum destes se distingue como sonetista. Um, entretanto, deste periodo de transição, Tenreiro Aranha, ainda hoje é lembrado, graças não a tudo o mais das *Obras literarias* publicadas por seu filho em 1850, mas apenas a uns versos feitos — repito-lhes os dizeres — *A' mameluca Maria Barbara, mulher de um soldado, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, perto da cidade de Belém, porque preferiu a morte á mancha de infiel ao seu esposo.*

Assim fala a mameluca Lucrecia:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso, com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto e errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante.

Que de um monstro inhumano — lhe declara —
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que allivio busque á dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte
Que por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.

Tambem de tudo o mais de Maciel Monteiro, reunido em volume, em 1905, por Alfredo de Carvalho e Regueira Costa, só o soneto *Formosa* o popularizou. Não é obra sem senões, mais vale por qualidades então não vulgares de rythmo e de emoção lyrica:

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jámais pôde ou nunca ousara;
Formosa, qual jámais desabrochara
Na primavera a rosa purpurina;

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a forma rara;
Formosa, qual jamais no céu brilhara
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual se a natureza e a arte
Dando as mãos em seus dons, em seus lavôres,
Jamais soube imitar no todo ou parte:

Mulher celeste, ó anjo de primôres!
Quem pôde ver-te, sem querer amar-te?
Quem pode amar-te, sem morrer de amores?

Mas já entramos em outro periodo de nossas letras.

O Romantismo, se não proscreeu de todo o soneto, repelliu-o, por assim dizer, até ás fronteiras. Um ou outro dos relegados se aventurava ainda ao regresso, mas tendo de apparecer em publico, era como pallido e receioso, e não acompanhando com outros, ás decurias ou centurias, como no bom tempo. Seus dias de triumphos e applausos nas côrtes, festins, cenaculos ou academias pareciam positivamente passados. Aqui, como em França, só de longe em longe, os vemos praticados. Em França, no melhor da floração lite-

ria do alvorecer do ultimo seculo, conhecia-se um de Hugo, nenhum de Lamartine, pouquissimos de Alfredo de Musset. Por sua vez, em Portugal, não os fez Alexandre Herculano e não excedem de dez ou doze os deixados por Almeida Garrett e Castilho e os quaes, se não desluzem, tambem em nada accrescentam a gloria dos seus autores.

Entre nós contam-se dois, ambos sem dinstinção, de D. J. Gonçalves de Magalhães, nenhum de Porto-Alegre. Não os encontrareis nas *Primaveras* de Casimiro de Abreu, nem nas *Sombras e sonhos* de Teixeira de Mello, nem nos *Cantos, primeiros, segundos, novos, e ultimos* de G. Dias, nem nas *Inspirações do claustro* de Junqueira Freire. De Varella sabe-se de tres ou quatro que passam despercebidos entre as paginas das *Vozes da America* e *Cantos do ermo e da cidade*; de Laurindo Rabello apontam-se dois ou tres; nenhum de Bruno Seabra; nenhum de Mello Moraes...

Assim, nesse decurso de mais de trinta annos das letras brasileiras, mal reponta ou abrolha o soneto e se o vemos florear, é geralmente entanguido e languido. Quasi que só duas unicas produções deste caracter logram ver-se estimadas: o *Morrer... dormir... sonhar?* de Francisco Octaviano, lembrando o monologo de Hamlet, e este anseio voluptuoso dos vinte annos de Alvares de Azevedo, a nota mais ardente da nossa poesia romantica, ou consoante conceito de Machado de Assis: «mistura delicada de nudez das formas com a união do sentimento»:

Pallida, á luz da lampada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia.

Era a virgem do mar, na escuma fria,
Pela maré das aguas embalada;
Era um anjo, entre nuvens de alvorecida,
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos as palpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei, chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei, sorrindo!

Não me esqueceu Castro Alves. Elle é dos ultimos dias do grande periodo da poesia nacional e tenho que nos sonetos e em mais algumas paginas presentiu a transformação por que em breve teriam de passar nossas letras.

As *Espumas fluctuantes* são de 1870, antecedem apenas de um anno ás *Miniaturas* de Gonçalves Crespo, nas quaes viu José Verissimo «a primeira manifestação da poesia parnasiana no Brasil.» Desse anno de 1870 vem datada nas *Espumas* a série de sonetos intitulados *Os anjos da meia-noite*. Confrontem-se estes versos em sua arte e estilo com alguns das *Miniaturas* e vêr-se-á na semelhança, facil de reconhecer, de uns e outros, como o espirito do moço

bahiano ia em evolução das fórmulas poidas do romantismo para as novas fórmulas de cunho artistico mais leve e delicado da poesia parnasiana. A semelhança é tal que o soneto N. H. de Gonçalves Crespo poderia incluir-se como uma nova *sombra* entre as daquelles *Anjos da meia-noite*: Marietta, Barbora, Esther, Fabiola, etc.
Leiamos duas destas composições:

BARBORA

Erguendo o calix, que o Xerez perfuma,
Loura a trança, alastrando-lhe os joelhos,
Dentes niveos em labios tão vermelhos,
Como boiando em purpurina espuma;

Um dorso de Walkiria... alvo de bruma,
Pequenos pés sob infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos como espelhos,
Mas, como elles, também sem chamma alguma;

Garganta de um pallor alabastrino,
Que harmonias, e musicas respira...
No labio — um beijo... no beijar — um hymno:

Harpa eolia, a esperar que o vento a fira,
— Um pedaço de marmore divino...
E o retrato de Barbora — a Hetaira.

ESTHER

Vem! no teu peito calido e brilhante
O nardo oriental melhor transpira!...
Enrola-te na longa cachemira,
Como as Judias molles do Levante.

Alva a clhamyde aos ventos-roçagante...
Tumido o labio onde o psalterio gira...
O' Musa de Israel! péga da lyra...
Canta os martyrios de teu povo errante!

Mas não... brisa da patria além revôa,
E ao delamber-lhe o braço de alabastro,
Falou-lhe de partir... e parte... e vôa...

Qual nas vagas marinhas desce um astro,
Linda Esther! teu perfil se esvâe... se escôa...
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

Agora a de Gonçalves Crespo:

N. H.

Tu não és de Romeu a doce amante,
A triste Julieta, que suspira,
Solto o cabelo aos ventos ondeante,
Inquietas cordas de suspensa lyra.

Não és Ophelia, a virgem lacrimante,
Que ao luar nos jardins vaga e delira,
E é levada nas aguas fluctuante,
Como em sonho de amor que cedo expira.

E's a estatua de marmore de rosa,
Galatéa acordando voluptuosa
Do grego artista ao fogo de mil beijos...

E's a languida Julia que desmaia,
E's Haydêa nos concavos da praia...
Fôsse eu o Dom João dos teus desejos!

Não hesito em incluir Gonçalves Crespo entre os nossos poetas, embora passasse quasi toda a sua vida em Portugal, onde tudo lhe sorriu carinhoso e de todos foi considerado e querido. Sem embargo de afastado de nós, não se desnacionalizou seu espirito; em muitos dos seus cantos, talvez os mais bellos ou os de mais sentimento, está e rescende a alma da terra que o viu nascer. Emquanto ao esmero da forma e partes do estilo, aqui direi mais um dos seus sonetos, em que se vê quanto já com elle se havia aprimorado a elocução deste genero:

ODOR DI FEMINA

Era austero e sizudo; não havia
Frade mais exemplar nesse convento;
Em seu cavado rosto macillento
Um poema de lagrimas se lia.

Uma vez que na extensa livraria
Folheava o triste um livro pardacento,
Viram-no desmaiar, cair do assento
Convulso e torvo sobre a lagea fria.

De que morrêra o venerando frade?
Em vão busco as origens da verdade,
Ninguém m'a disse, explique-a quem puder.

Consta que um bibliophilo comprara
O livro estranho, e que, ao abri-lo, achara
Uns dourados cabellos de mulher...

Em 1880 foi estampada a edição elzeviriana dos *Sonetos e rimas* de Luis Guimarães Junior. Nesse anno, recém-chegado da Europa, onde largo tempo se demorara, na avidez de tudo ver e saber, Arthur de Oliveira, nas rodas literarias, em cafés, e nas salas de redação de jornaes, apregoava com exemplares da livraria Lemerre nas mãos, as excellencias da nova poesia de Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Banville, Heredia e François Coppée, não esquecendo Victor Hugo, o velho mestre e outro mestre e seu amigo, Theophilo Gautier, o «divino Theo», como lhe chamava. Lembra-me a sofreguidão, e os extases asceticos com que elle folheou e em seguida leu e durante alguns dias continuou a folhear e a lêr, para que todos as ouvissemos, varias das composições da lyrica do poeta-diplomata. Parece-me ainda estar a escutar-lhe, com a sua dicção entusiastica e exagerada gesticulação,

FÓRA DA BARRA

Já vamos longe... Os morros bemfazejos
Mettem na bruma os cimos alterossos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da patria os derradeiros beijos,

As alvas plagas, os profundos brejos,
Ficam além, além! Adeus gostosos
Tormentos do passado! Adeus ó gozos!
Adeus, ó velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol poente
Vae-se apagando — ao longe — tristemente
Do Corcovado a magestosa serra:

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
O' terra de meus paes! Oh! minha terra!

Era depois

PRIMEIRA ENTREVISTA

Ella não tarda. Disse-me que vinha;
Mas quem sabe! Se acaso acontecesse
Qualquer coisa imprevista, e não viesse!
Oh! Deus do céu! que situação a minha!

E este relógio vil que não caminha!
E o tempo! — uma hora apenas e parece
Noite fechada já! Ah! se chovesse!...
Mas, não; alguém tocou a campainha,

Alguem subiu veloz a minha escada:
Ouço um rumor de sêda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda! Espreito delirante:
Abro a tremar — e toda palpitante
Ella cae a sorrir entre os meus braços.

Vinham em seguida *Visita á casa paterna*, *O somno de um anjo*, *Os escravos*, *A voz das arvores*, todo o livro, emfim.

E' assim o autor de *Sonetos e rimas*, conforme ahi está nestes versos. Vêr como com elle, e já anteriormente, com Castro Alves e Gonçalves Crespo, se melhora, se aformosêa o soneto. Se em 1870 ou 1871 tem nas letras brasileiras iniciação, forma-se, accentua-se, firma-se de 1880 em diante a escola que teimam em chamar parnasiana. Só apressado juízo, ou superficial exame e ponderação destas cousas pode justificar semelhante denominação. Propriamente, nunca houve parnasianismo no Brasil e impassibilidade nos seus poetas. O que houve foi reacção contra o romantismo dos ultimos tempos, dessorado e flacido, foi o restabelecimento das boas normas de escrever versos, um protesto contra o enxovalho da lingua, um esforço pela mostrar, qual se não se via, opulenta e nobre, uma cruzada em prol do bom gosto,, em favor da Arte. Já a isso me referi, mais ou menos pelas mesmas palavras, em outra conferencia feita nesta Bibliotheca. O soneto sae dahi restaurado, lidado com desvelo, não raro perfeito, nunca descurado e vulgar. Um pouco de ar dos nossos dias circulou no ambiente insalubre, onde murchava e morria esta melindrosa flor de arte e de sentimento. Modificado embora ás vezes o molde antigo, mostra o soneto agora mais pericia na synthese ou condensação das idéas, e melhor partição destas; mais bello começo e melhor remate, rigorosa propriedade de epithetos, exclusão de imagens e metaphoras sedicças e gastas, de logares communs e de palavras e expressões vagas e dispensaveis. E com tudo isto e sobre tudo isto, um sentir mais intenso, ou direi mais verdadeiro, e mais subjectividade, mais largo respiro de vida.

Compara-o com o que fôra ainda ha pouco...

Henrique Heine, perquirindo os esconderijos das velhas divindades hellenicás, erradias depois do prégão solenne ouvido no Egeu, dando como extinto o poderio dos mandões celestes, esqueceu-se de os procurar entre os poetas arcadicos e romanticos, sob o tecto dos quaes ultimamente algumas dessas deidades se haviam refugiado.

Ahi se encolhiam, transidos de mêdo, Jupiter ou Jove, que nos sonetos do tempo é designado «o tonante», Phebo ou Apollo «o arcitenente», Marte ou Mavorte, «o belligero», Aphrodite ou Venus «a acidalia» ou «a formosa cyprina». Tambem encontraria entre os da divina debandada, Eros, mais geralmente Cupido ou «o menino cêgo» ou «travesso», as Gorgonas e Furias «infernaes» e de redor, nos bosques e campos os pastores Tityro, Corydon, Melibeu, Sylvano, Umbrano, Frondelio e as anagrammaticas nymphas Belizas, Nizes e Amarylis... Era o velho apparatus mythologico, e tinha os seus chavões seculares ou formulas convencionaes em que se exprimia.

Versos sem este condimento eram reputados semisabores e desprezíveis.

Tudo isso irreverentemente a poesia moderna rejeitou, sacudiu fóra. Havia sido bello e applaudido tudo isso em seu tempo, mas senilizara-se, antiquara-se, archaizara-se. Alguma coisa devia, entretanto, de aproveitar-se: aproveitou-se da lingua e poetica o que ainda ahi, resistindo á corrupção, era extreme e bom — piscas de ouro reluzindo esparsas em meio ao cascalho grosso — certa arte de trocados e conceitos, ás vezes felizes, de onde, a espaços, o que não vae mal á poesia de hoje, um leve perfume de cousas antigas no estilo, nas inversões, opposições ou meneio da frase.

Não cabe neste imperfeito esboço historico do soneto brasileiro apreciação, summaria embora, de todos quantos nesta época o exercitaram, ajudando-lhe a evolução. Vão os principaes, os mais representativos ou que lhe deram maior realce, e ainda assim restringindo-me aos mortos. E pois, apesar do valor de muitos destes nomes, limito-me á simples menção de Theophilo Dias, Cruz e Sousa, Carvalho Junior, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Luis Rosa, A. de Azevedo Sobrinho, Azevedo Cruz, Dias da Rocha, Lucio de Mendonça, Moraes Silva, Lucindo Filho, Damasceno Vieira e Aristheu de Andrade.

Adelino Fontoura e Arthur Azevedo não são dos maiores poetas de então, mas cabe-lhes de justiça o louvor de eximios sonetistas.

Em Adelino, tão cedo extinto, respira-se um pouco do aroma da poesia quinhentista. Inspira-o quasi sempre Luis de Camões e os versos saem-lhe consoante aos do grande lyrico.

ATTRACÇÃO E REPULSÃO

Eu nada mais sonhava nem queria
Que de ti não viesse ou não falasse,
E com'o a ti te amei, que alguém te amasse
Cousa incrível até me parecia.

Uma estrella mais lucida eu não via
Que nesta vida os passos me guiasse,
E tinha fé, cuidando que encontrasse,
Após tanta amargura, uma alegria.

Mas tão cedo extinguieste este risonho,
Este encantado e delcitoso engano,
Que o bem que achar suppus, já não supponho.

Vejo, enfim, que és um peito deshumano:
Se fui té junto a ti de sonho em sonho,
Voltei de desengano em desengano.

Arthur Azevedo é autor, entre outros muitos, qual a qual mais bello e espontaneo, do soneto

AS ESTATUAS

No dia em que na terra te sumiram,
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,
Fechados para sempre — oh! sorte avessa!
Aquelles olhos que me seduziram.

A' luz do sol uma janella abriram,
E o jardim avistei onde, ó condessa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriram...

Saiste por aquella mesma porta,
Onde outrora os teus labios me esperaram,
Cheios do amor que ainda me conforta.

Quando o jardim saudoso atravessaram
Seis homens com o esquife em que ias morta,
As estatuas de marmore choraram!

Machado de Assis estrêa em pleno esplendor romantico, mas ao trasmontar o sol do grande dia, não decae com este, antes se revigora e transforma. Seus versos, que eram já correctos como a lingua em que os escreveu, adquirem ultimamente mais precisão no exprimir-lhe o sentir delicado e fino.

Foi o critico da nova geração num estudo notavel inserto na *Revista Brasileira* (1º anno, tomo 2º, 1879) e no qual os que estreavam na poesia, encontraram juiz imparcial e guia seguro. Dois dos seus sonetos viverão tanto quanto as melhores paginas de sua prosa inconfundivel: *Circulo vicioso*, de fôrma «continua» e o camoneano *A' Carolina*, sua estremecida companheira de tantos annos. Ouçamo-lo neste:

Á CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro,
Em que descanças dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existencia appetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Luis Delfino. Occorreu-lhe a morte em 1910, seguindo-se logo no outro anno a de Raymundo Corrêa. Com estes dois nomes e o de Olavo Bilac attinge o soneto brasileiro ao gráu maximo de evolução e belleza. A musa de Delfino, pela maravilhosa fecundidade, pode ser comparada áquella Diana de cem peitos, amamentadora da

vida em todas as suas formas. Nenhum poeta nosso ainda produziu tanto, e tão pouco e inexplicavelmente está ahí publicado de obra tão vasta! Orçam por milhares os sonetos por elle deixados, quasi todos, se não todos, escriptos no periodo chamado parnasiano. Dos que de suas mãos vieram á imprensa são, entre outros, conhecidos e admirados: *Cadaver de virgem*, *Altar sem Deus*, *Amazona*, *Logo depois do Eden*, *Capricho de Sardanapalo*, *In her book*, *Moritura* e *Jesus ao collo de Magdalena*.

Sinto não os poder reproduzir um a um. Ouvi-lhe o ultimo:

JESUS AO COLLO DE MAGDALENA

Jesus expira — o humilde e grande obreiro!
Sobem já pela cruz acima escadas,
E no tópo varado o madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o choro em torno. — As mãos primeiro
Inertes caem no ar dependuradas;
A fronte oscilla; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés. — Augmenta o pranto, e a queixa.
Só Magdalena ao ouro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina;

E no meio da lagrima mais linda,
Com o dedo erguendo a palpebra divina,
Busca vêr se Elle a vê... beijando-o ainda !...

Raymundo Corrêa produziu muito menos, mas tambem menos longa lhe foi a existencia. Demais, por mais meticoloso e perfeito que o de Delfino, era-lhe mais difficultoso o trabalho. Em Delfino ha mais imaginação, em Raymundo mais fino lavor, mais pericia, mais arte. Seu soneto é quasi sempre a synthese de um estado de alma, uma paizagem, um quadro, sombreado de sua melancolia, quando não o desenvolvimento de uma idéa moral ou philosophica. Dos deste character será sempre admirado

MAL SECRETO

Se a colera que espuma, a dôr que mora
Na alma, e destroe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora,
Vêr através da mascara da face:
Quanta gante, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez, existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Exemplificando o mais, ahí estão *Anoitecer*, *Cavalgada*, *As pombas*, *Renascimento*, *Eviterno amor*, e tantos e tantos outros.

Distinguem o poeta das *Symphonias* a propriedade das expressões, riqueza e variedade de consoantes, abstenção de tropos ou frases communs, aquelle «divino horror» que tinha Machado de Assis á vulgaridade. Caracterizam-no por sua vez certos jogos de vocabulos e idéas, de *agudezas conceituosas* e *paradoxas*, como as qualifica Gracian na *Arte de ingenio*.

E eis como distanciada da de Gregorio de Mattos quasi tres seculos, a poesia de Raymundo não deixa de participar da poesia deste ou da de seu tempo, revivendo-lhe sobre o polido da dicção lidimamente vernacula, o artificio dos trocados, os conceitos judiciosos, tudo o bello, emfim, que sendo de hontem, é de hoje e será de sempre.

E agora, como o fêcho de ouro dos bons sonetos, ides ouvir-lhe o que vou recitar-vos, e será o fêcho de ouro da conferencia. Dizendo-o, certo elle acordará em todos vós, como acordou em mim, uma impressão de actualidade, uma lembrança tragica — a desse norte de França, onde a Allemanha barbara, em sua eversão criminosa, tudo levou, talou, arrazou, destruiu. Raymundo parece haver tido a antecipada visão daquellas cidades, villas, aldeias, palacios, templos, bibliothecas, museus e officinas, hontem florescentes, franqueados ao culto, á sciencia, ao estudo, ao trabalho, e hoje, espectraes e mudos, projectando aqui e ali a sombra dolorosa de suas ruinas. Como que por lá paira o espirito do nosso poeta, contempla a scena de desolação, e murmura:

Aqui outrora retumbaram hymnos;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os europeis mais finos.

Arcos de flores, fachos purpurinos,
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,
Girandolas, clarins, atropeladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras, e desses torreões medonhos,
Alguem se assenta sobre as lageas frias;

Em tórno os olhos humidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos!...

ALBERTO DE OLIVEIRA